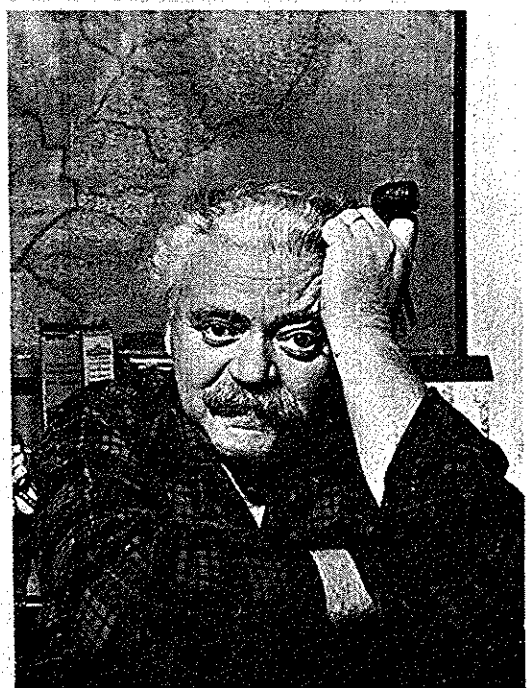


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja Class.: 08

Data: 14 de abril de 1971 Pg.: _____

1
081



LEV PARRELA

Nutels: a defesa sem procuração

ÍNDIOS

Feliz ou infeliz?

Em 1910, ao ser convidado pelo presidente Nilo Peçanha para organizar um serviço de proteção aos índios, o então coronel Cândido Rondon advertia: "A incorporação dos indígenas à nossa sociedade pela adoção dos nossos hábitos, julgo-a um problema inabordable no momento". Sessenta anos depois, o problema parece continuar difícil de ser abordado, mesmo para um Rondon. Na semana passada, no Clube de Engenharia, no Rio, o general da reserva Frederico Augusto Rondon declarou que o parque nacional do Xingu, onde vivem cerca de 1.300 índios, deveria ser extinto. O parque, ameaçado pela futura estrada Cuiabá—Santarém, estaria, segundo o gene-

ral, "prejudicando a integração dos índios, a segurança e o desenvolvimento do país".

Não satisfeito em atacar o lado técnico e científico da questão, ou seja, a conveniência do traçado da estrada e as vantagens e desvantagens do parque, o general Rondon propôs ainda algumas questões morais e filosóficas ao indagar quem tinha procuração para dizer que o índio é mais feliz vivendo como selvagem.

A voz do trovão — "Sei que existem oitenta índias bororos formadas professoras pelos padres salesianos. Sei que eles têm também uma boa banda de música. Mas onde estão os 5.000 bororos de quarenta anos atrás, reduzidos hoje a umas poucas centenas, quase todos tuberculosos? Ao meu ver, os bororos são extremamente infelizes." Embora esclarecendo que evidentemente não tem procuração dos índios, a resposta surgiu imediatamente na voz trovejante do médico Noel Nutels, que trata com índios desde 1944 (chegou a ser presidente do antigo SPI). Preocupado com uma coincidência (enquanto o general Frederico Augusto diz que nada tem a ver com o marechal Rondon, o médico confessa que ficou assustado com o seu sobrenome), Nutels acendeu as primeiras centelhas de um debate que talvez se transforme, nas próximas semanas, numa violenta batalha em torno do parque, envolvendo os irmãos Villas-Boas, seus fundadores, a Funai e até mesmo organismos internacionais, como a Unesco e a Cruz Vermelha, defensores da experiência do Xingu.

Noel Nutels tem autoridade para falar dos males dos índios. Já vacinou milhões deles contra tifo e tuberculose, extraiu dentes de índios acorados à sombra de palmeiras e varou os rios do Xingu com um aparelho de abreugrafia simplificado para poder ser carregado em canoa. A civilização, para ele, é um remédio que deve ser aplicado em pequenas doses no caso dos índios, sob o risco de matar o doente. E a preservação dos parques seria uma forma segura de evitar doses exageradas.

Os índios estão assim na incômoda posição de um doente submetido a uma junta médica discordante. De um lado, Nutels e os Villas-Boas, com suas receitas homeopáticas. De outro, as soluções mais rápidas, como a do general Rondon. E entre eles, numa posição até agora indefinida, a própria Funai. Ao mesmo tempo que aceita a construção da Cuiabá—Santarém, a Funai anuncia que o parque do Xingu será mantido e até ampliado em um terço da sua área atual. Resta saber se, aberta a estrada, haverá meios para controlar a invasão dos brancos que poderá transformar o Xingu numa imensa reserva indígena sem índios, felizes ou infelizes.